





ANOS
DE CHUMBO
E OUTROS CONTOS
CHICO BUARQUE



Índice

MEU TIO 11

O PASSAPORTE 27

OS PRIMOS DE CAMPOS 53

CIDA 83

COPACABANA 97

PARA CLARICE LISPECTOR,

COM CANDURA 109

O SÍTIO 135

ANOS DE CHUMBO 169

MEU TIO

Meu tio veio me buscar em casa com seu carro novo. Ele não costumava subir, mas dessa vez trazia uma encomenda para a minha mãe. Como sempre acontece nessas situações, papai fingiu que estava dormindo no quarto. Mamãe recebeu meu tio com dois beijinhos, ofereceu café, água, pão de queijo, mas lá em casa ele ficava irrequieto, não se instalava. Os beijinhos da chegada já valeram como despedida, e mal tive tempo de catar a bolsa. Meu tio parecia menor sem os óculos escuros, que só tirou para descer os dois lances de escada de lâmpadas quebradas.

Reclamou do elevador que vive enguiçado, mas até o fim do ano pretendia nos mudar para um apartamento melhor, num bairro melhor. Minha mãe fazia beicinho, pois desde criança a mana era orgulhosa e turrona, mas acabaria por ceder. Meu pai nunca recusaria um upgrade, segundo meu tio, e eu seria a mais felizarda por morar perto da praia.

O carro novo era um SUV Pajero 4 × 4. Todo branco e grandalhão feito uma ambulância, ocupava a calçada inteira em frente ao meu prédio. Quem quisesse passar por ali tinha que descer para a rua e caminhar uns cinco metros rente ao meio-fio. Por isso, quando nos viram, os passantes mais velhos fizeram cara feia. Meu tio sempre repetia que a inveja é uma merda, mas ameninada da rua admirava verdadeiramente os carros dele, desde o dia em que ele apareceu com um Mini Cooper conversível. Agora eles vinham acompanhando nossa marcha lenta

pelas ruas estreitas do bairro. Alguns iam na frente como que abrindo caminho, balizando nossa passagem entre carros velhos e cargas de carros mal parados nos dois lados da rua. Quando desembocamos na avenida, festejaram com palmadas na carroceria. Mas foi dentro do túnel que meu tio tirou o atraso. Desenvolveu cento e vinte, cento e quarenta por hora, costurando de uma faixa a outra com a mão pesada na buzina. Só largou da buzina ao ar livre, onde ela não surtia tanto efeito.

Meu tio parou para abastecer num posto da Lagoa. Mandou encher o tanque com diesel, depois fechou a janela e ligou o som num volume impressionante. Cada batida do funk era como o coração bombeando forte. Parecia que a massa de ar inflava dentro do carro, a ponto de explodir os vidros blindados. Nesse embalo ele demorou para perceber que o frentista já esperava com a maquininha do cartão de crédito.

Tirou do bolso da jaqueta umas notas de cem reais e mandou ele calibrar os pneus e ficar com o troco. Antes de dar a partida, resolveu pedir também uma cerveja e um picolé de uva, meu preferido. O frentista não podia se afastar da bomba, mas com uma nota de cinquenta deu um pulo rapidinho na loja de conveniência.

Na Barra da Tijuca meu tio iria a mil por hora, caso pegasse uma onda verde nos sinais de trânsito. Mas a cada quinhentos metros era obrigado a reduzir a marcha, porque os sinais fechavam um sim um não. Pouco antes da Estátua da Liberdade teve de frear bruscamente. Malabares e vendedores ambulantes ocuparam a faixa de pedestres no instante mesmo em que o sinal fechou para nós. Os moleques armavam pirâmides humanas para exibir seus lances com bolas de tênis. Os marmanjos passavam limpadores no para-brisa ou penduravam sacos de bala no espelho retrovisor. Meu tio fixava

os olhos no sinal vermelho enquanto tamborilava no volante para se acalmar. Uma hora ele abanou a cabeça e apontou com o queixo um vendedor de periquitos. Não vai dar tempo, falou. O ambulante vinha atravessando a faixa de um jeito folgado, quase rebolando, com três gaiolas em cada mão. Assim que o sinal abriu, meu tio arrancou com o carro tão bruscamente quanto havia freado. Esbarrou no braço esquerdo do passarineiro e derrubou umas gaiolas. Ainda olhei para trás imaginando uma revoada de periquitos, mas não aconteceu.

A praia do Grumari no fim da Barra estava superlotada, apesar de ser dia de semana. Meu tio estacionou logo na primeira vaga, sem precisar fazer manobras. Um flanelinha veio avisar que ali era a saída de outros carros, mas ele não deu trela. Fomos sentar numa barraca, onde ele pediu uma cerveja, uma coca-cola e uma dúzia de ostras. Ele tinha me ensinado a gostar

de ostras, que eu comia sugando as conchas até o pedúnculo. Insistiu para que eu caísse na água, mas ele mesmo não despiu a jaqueta de náilon, com todo o calor. Puxei o vestido pela cabeça e fiquei com o biquíni amarelo que ele tinha me dado de aniversário. Fui dar um mergulho e do meio do mar ouvi uma tremenda zoeira de buzinas. Quando voltei para a barraca vi meu tio lá em cima, andando devagar em direção ao estacionamento. Vi três caras gesticulando contra ele, mas não dava para ouvir o que pareciam gritar. Também não sei o que ele falou quando enfrentou os caras, mas em seguida eles viraram as costas e foram se recolhendo. Meu tio ainda foi atrás deles brandindo o dedo indicador, depois voltou para a barraca e pediu outra cerveja. Sugerei que eu desse mais um mergulho e me acompanhou até a beira da água, molhando a sola do seu tênis plataforma. Quando saí do mar ele disse que sentiu uma vontade de comer o meu

rabinho. Perguntou se eu queria mais alguma coisa, pediu ao barraqueiro um litro de água mineral, acertou as contas e pôs a mão no meu ombro a caminho do carro. A inveja é uma merda, deve ter pensado ao ver os motoristas bloqueados, que aguardavam de cabeça baixa e cara trombuda. Lavei os pés com a água mineral, sacudi a areia do vestido e forrei com ele o assento do carro antes de me acomodar com o biquíni úmido.

Não longe da praia, meu tio entrou numa rua muito desigual. Do lado esquerdo era uma rua residencial, com prédios de quatro andares, garagem, gradil, guarita, porteiro e tudo. O lado direito estava mais para favela, com casas tortas sem reboco e todo tipo de comércio. Na calçada de um boteco as pessoas bebiam cerveja em mesas amarelas de plástico. Foi ali que meu tio encostou e buzinou com cadência. As pessoas se retiraram com cadeiras e mesas, abrindo espaço para meu tio estacionar em cima

da calçada. Sem sair do carro, ele recomeçou a buzinar direto, até que do outro lado da rua vieram saindo os peões de uma obra. Eram uma dúzia, e assim de cara parecia que estavam descendo para uma pelada, metade sem camisa e metade com a camisa do Flamengo. O prédio estava em fase de acabamento, com fachada de pastilhas, e se destacava dos vizinhos porque tinha dois andares a mais e avançava quase até o meio-fio. Meu tio saiu do carro e abriu o porta-malas, de onde tirou uma sacola de supermercado. Chamou cada operário pelo nome e distribuiu uns maços de dinheiro que eles pegavam depressa sem agradecer. Meu tio cruzou os braços, enquanto eles contavam as notas, daí subiu no carro e partiu a toda para tomar a avenida principal no sentido da cidade.

No primeiro sinal fechado, uma moto parou à esquerda do carro do meu tio. Era uma moto emproadada, e o motociclista media o Pajero de alto a baixo enquanto fazia

roncar o motor. Uma hora tive a impressão de que ele me observava, mas o insulfilm no vidro lateral impedia sua visão do interior do carro. Meu tio pegou a tamborilar no volante espiando de lado o motociclista, que era um tipo forte, mais alto até que o nosso carro. Então o motociclista avançou meio metro e agora sim, se quisesse poderia ver minhas pernas pela transparência do vidro da frente. Pelo visor do seu capacete também deu para ver que ele tinha olhos verde-claros. Aí meu tio deu um murro no painel e avançou um metro, invadindo parte da faixa de pedestres. Foi quando o motociclista arrancou com grande ímpeto, sendo o primeiro a ver o sinal abrir. Mas o motor do meu tio era mais potente, e depois de ultrapassar o sinal amarelo seguinte, ele emparelhou a uns duzentos por hora com o motociclista à nossa direita, bem perto de mim. Meu tio passou a encurralar a moto no limite da pista. De repente o motociclista sacou do alforje uma barra

de ferro. Deu uma, duas, três bordoadas na capota do carro, mas a quarta caiu no vazio e afetou seu equilíbrio. Com uma rabeada do carro, meu tio acabou de jogar a moto num canteiro. Olhei para trás e vi a moto capotar quatro vezes no gramado, com o motociclista abraçado nela.

Por sorte, logo adiante ficava a concessionária Mitsubishi onde meu tio tinha comprado o carro uma semana antes. Ao saltar, ele foi saudado por um vendedor que usava a máscara da covid. Fez o vendedor largar outro cliente, que parecia interessado num sedan, e lhe mostrou os danos. Com uma cara infeliz, o vendedor passava a mão na capota como que alisando um cavalo. Meu tio precisava de um carro reserva enquanto consertavam o seu. O vendedor pediu um minuto para ver que veículos tinha à disposição, mas o meu tio exigia um carro igual ao dele, como aquele branco da vitrine. Aquele só poderia ser cedido para um test drive,

de acordo com o vendedor, no máximo por meia hora. Meu tio levantou a voz, chamou o sujeito de babaca e perguntou pelo gerente. Respirou fundo, me deu duas notas de cem reais e pediu que eu fosse à farmácia ao lado. Não podia ir pessoalmente porque é bastante conhecido no bairro e não ficava bem para ele comprar Viagra num balcão de farmácia. O farmacêutico também usava máscara e vendeu o remédio me estranhando. Os fregueses em volta, mesmo os de máscara, dava para ver que riam de mim. Devem ter pensado que só mesmo uma garota muito suburbana vai às compras de biquíni. De volta à concessionária, encontrei meu tio de conversa com o gerente, que usava uma máscara semelhante a um bico de tucano. O vendedor trouxe o carro que estava em exposição, irmão gêmeo do nosso, sem placa.

Na suíte Premium do motel Dunas, meu tio encomendou um balde de cervejas, uma coca-cola e dois cheesebúrgueres. Ligou

a televisão e depois do lanche me mandou tomar banho na jacuzzi. Eu ainda estava me enxugando quando ele me puxou para a cama. Sem tirar os óculos escuros, comeu meu rabinho me mordendo a cabeça. Depois se deitou de lado e passou um bom tempo acariciando meus cabelos lisos que nem os da minha mãe. Daí me contou em segredo seu próximo projeto, que é comprar um avião. Prometeu que eu seria a primeira a voar com ele. Enumerou vários destinos no Nordeste e no exterior, mas sua fala foi ficando devagar até que ele dormiu. Mudei o canal de televisão, do pornô para uma série americana que eu já conhecia mas não recordava bem. Só no terceiro episódio meu tio acordou no susto e berrou comigo porque deixei que ele dormisse até aquela hora. Disse que ia ter problemas em casa, pagou a conta com várias notas de cem, saiu de ré da garagem apertada e raspou o para-lama dianteiro na parede. Como morava ali mesmo

na Barra, me fez saltar na avenida e me deu dinheiro de sobra para o táxi.

Em casa mamãe abriu minha bolsa e conferiu a embalagem de Jontex fechada. Disse estar cansada de dizer que, se a mulher não finca pé, homem nenhum usa preservativo. Disse ainda que só me faltava essa de engravidar, pois meu tio é casado e não ia querer encrenca com a esposa. Segundo papai, eu faria um belo de um favor ao meu tio se o livrasse daquela piranha. Fosse como fosse, para minha mãe, meu tio me faria abortar e jamais casaria comigo. Já meu pai garantiu que ninguém me obrigaria a abortar, nem mesmo meu tio com todo o poderio que tem. Mamãe disse que não me criou para lhe dar um neto que é sobrinho ao mesmo tempo. Sem contar que parentes consanguíneos às vezes procriam filhos degenerados. Meu pai falou que não é bem assim.